

Plano Prévio de Intervenção

Centro Histórico de Odivelas

SETEMBRO 2012









INDICE

NOTA INTRODUTÓRIA	4
1. CARACTERIZAÇÃO DO CENTRO HISTÓRICO	5
1.1 Caracterização física	5
1.2 Caracterização demográfica	6
1.3 Rede Viária	8
1.4 Caracterização do edificado	10
1.5 Caracterização do Património Histórico	12
1.5.1 – Igreja Matriz de Odivelas	
1.5.2 – Memorial de Odivelas	
1.5.3 - Mosteiro de S. Dinis	
1.5.4 - Quinta da Memória	
1.5.5 - Biblioteca Municipal D. Dinis	
2. FACTORES DE RISCO	18
2.1 Aspectos gerais	18
2.2 Zonas de risco	20
2.3 Pontos Perigosos	22
2.4 Pontos nevrálgicos	23
3. PLANO PRÉVIO DE INTERVENÇÃO	24
3.1 Objecto e Conceito de Actuação	24
4. CENÁRIOS DE ACIDENTES - PLANO DE AÇÃO	25
4.1 Incêndio urbano	26
4.2 Acidente Rodoviário	28





4.3 Condições meteorológicas adversas - precipitação e vento forte	29
4.4 Sismo	31
5. SISTEMA DE ALERTA	34
6. ORGANIZAÇÃO DA INTERVENÇÃO	36
6.1 MIOPI - Matriz de intervenção operacional integrada	
6.1.1 - Grelha de caracterização de cenários	36
6.1.2 - Grelha de alarmes	
Tabela 18 - Grelha de alarmes para sismo	4 1
6.2 QUADA - Quadro de dados de Apoio (mediante os cenários previamente	
estabelecidos)	4 1





NOTA INTRODUTÓRIA

O Plano Prévio de Intervenção (PPI) do Centro Histórico de Odivelas está elaborado de acordo com o Estudo do Património Arquitetónico e Arqueológico e Extrato do Ordenamento – Património Arquitetónico e Arqueológico, desenvolvido pelo Gabinete de Planeamento Estratégico – Equipa de Projeto do Plano Diretor Municipal, Projetos Especiais e Energia (GPE/EPPDMPEE), da Câmara Municipal de Odivelas, que estabelece a delimitação de "Centro Histórico" aprovada pelo IGESPAR.

No entanto, e por questões de planeamento e intervenção de emergência, foi encontrada a necessidade de estabelecer um perímetro que inclui essa mesma delimitação, a que chamámos "área operacional". Esta área é distinta do centro histórico na medida em que inclui artérias viárias que, pelas suas características, facilitarão o acesso ao centro histórico e ao património a defender.

Importa ainda salientar que, pese embora a delimitação do Centro Histórico seja mais ampla, neste PPI apenas serão considerados como pontos nevrálgicos os cartografados e apresentados no capítulo 1.5.





1. CARACTERIZAÇÃO DO CENTRO HISTÓRICO

1.1 Caracterização física

O Município de Odivelas, com cerca de 26.6 Km² de área, está situado na Área Metropolitana de Lisboa Norte (AMLN) e encontra-se dividido em 7 freguesias, a saber: Caneças (5,89 Km²), Famões (4,66 Km²), Odivelas (5,05 Km²), Olival Basto (1,42 Km²), Pontinha (4,7 Km²), Póvoa de Santo Adrião (1,23 Km²) e Ramada (3,7 Km²).

O Concelho caracteriza-se por um relevo suave com **altitudes** que variam entre 0 m e os 350 m. O centro histórico apresentará altitudes que variam entre os 10 m e os 60 m, com declives suaves.

Em termos **hidrográficos**, o concelho de Odivelas encontra-se totalmente englobado na bacia hidrográfica do rio Tejo. O principal curso de água que atravessa o centro histórico é a ribeiras de Odivelas.

Climaticamente, verifica-se que o Concelho de Odivelas se localiza numa zona onde a temperatura média varia entre os 11,4 e os 22,7 °C, sendo que as temperaturas mais elevadas são registadas no período de Junho a Setembro, período esse que corresponde também à estação seca.

O **uso e a ocupação do solo** vêm confirmar o carácter marcadamente urbano do concelho, com 62% da sua extensão de área social onde, se insere o centro histórico.

Relativamente à **sismicidade**, Odivelas insere-se numa zona de intensidade IX - Desastroso (Escala de Mercalli Modificada).





1.2 Caracterização demográfica e económica

O Concelho de Odivelas, com um passado profundamente rural e caracterizado por uma concentração habitacional dispersa, é hoje um Concelho de natureza marcadamente urbana.

De acordo com os Resultados Preliminares Censos 2011, o Concelho possui uma população de 144.549 habitantes, que expressa um aumento de cerca de 7% face a 2001.

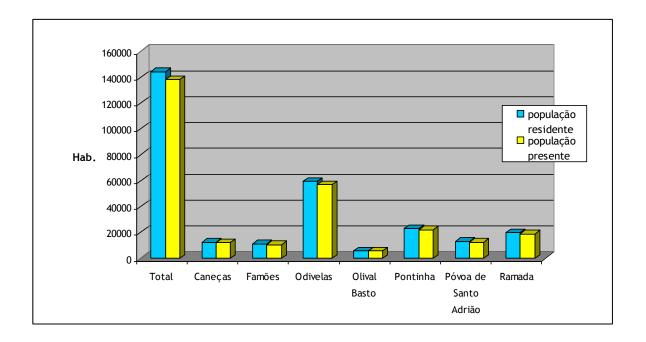


Gráfico 1 - População residente e presente em Odivelas

(Fonte: resultados preliminares censos 2011)

Em termos nacionais, e na Apresentação dos Resultados Provisórios dos Censos 2011, verifica-se que continua bem presente um duplo envelhecimento da população: redução da população jovem e aumento da população idosa.





O Concelho de Odivelas acompanha precisamente esta tendência, apresentando uma pirâmide etária que revela uma população envelhecida.

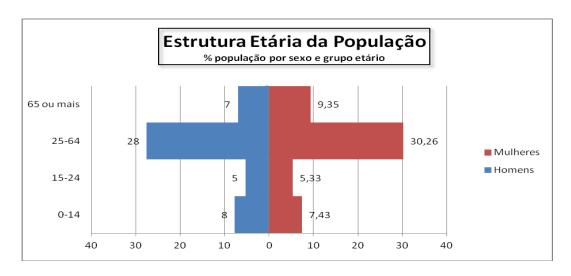


Gráfico 2 - Estrutura etária da população residente

(Fonte: Dados Preliminares (população residente) Censos 2011)

A análise dos dados anteriores projeta-nos para a análise de uma variável que está diretamente relacionada com a estrutura etária da população – o índice de envelhecimento. Os resultados nacionais apontam para um agravamento do envelhecimento da população, que já não é só circunscrito aos municípios do interior.

Em Odivelas esse agravamento também se fez sentir, tendo o concelho passado para um intervalo de valores que agora se situa em]100; 173,6].

O centro histórico é, sem dúvida, uma área envelhecida da cidade de Odivelas.

As **atividades económicas** mais representadas no centro histórico são as do sector terciário, designadamente e por ordem decrescente: o comércio e restauração.





1.3 Rede Viária

O centro histórico de Odivelas está definido no Estudo do Património Arquitetónico e Arqueológico e Extrato do Ordenamento – Património Arquitetónico e Arqueológico desenvolvido pelo GPE/EPPDMPEE.

Assim, o centro histórico está consubstanciado à linha periférica das seguintes artérias:

- Rua Guilherme Gomes Fernandes;
- Rua Frei João Turiano;
- Rua Professor Doutor Francisco Gentil;
- Rua Professora Olga Passos
- Rua dos Combatentes da Grande Guerra
- Rua da Fonte
- Rua Luís de Camões
- Rua Lourenço Marques
- Rua Fernão Lopes
- Rua Gil Eanes
- Rua Dr. Fernando da Cunha



Figura 1 – Vista aérea do Centro Histórico de Odivelas (retirado http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=807708&page=4)





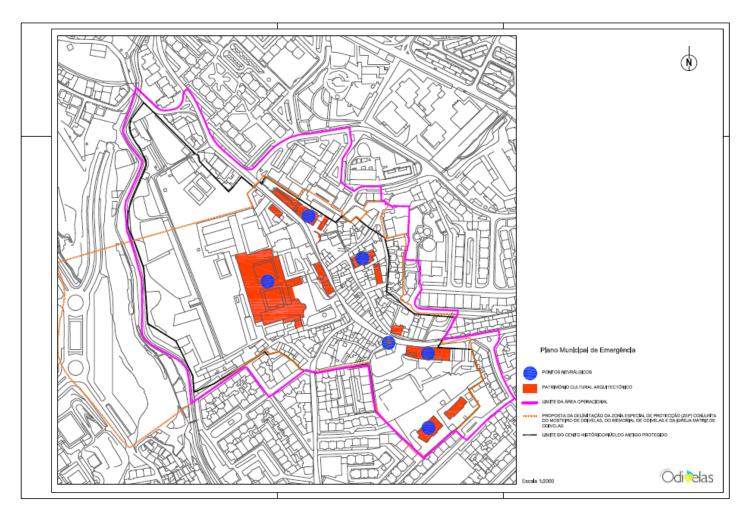


Figura 2 - Delimitação do Centro Histórico de Odivelas

(retirado Estudo do Património Arquitetónico e Arqueológico e Extrato do Ordenamento - Património Arquitetónico e Arqueológico)

A rede viária do centro histórico é constituída por um conjunto de arruamentos e vias internas, em certos casos, muito estreitas. Algumas das ruas mais antigas não dispõem sequer de passeios para circulação pedonal (junto ao Mosteiro de S. Dinis, por exemplo).

Não existem quaisquer ruas reservadas exclusivamente a peões, nomeadamente nas zonas de maior afluência de turistas ou de maior comércio.





Já existem algumas vias onde o acesso a viaturas é cortado por pilares de fecho amovível para casos de emergência, como sendo a Travessa das Cardosas.

No interior do centro histórico e em particular nas zonas mais antigas, a facilidade de circulação de viaturas dos Bombeiros é complicada, precisamente devido à apertada rede viária, muitas vezes agravada pelo estacionamento de automóveis.

1.4 Caracterização do edificado

O edificado no centro histórico é antigo e o seu estado de conservação é variável, sendo que existem edifícios devolutos e em mau estado e, em oposição, outros há que foram remodelados ou são de recente construção.

Existem assim alguns **edifícios devolutos** ou em mau estado de conservação que merecem especial atenção, na medida em que poderão colapsar, quer devido à ocorrência de um episódio sísmico, quer simplesmente pelo seu deteriorado estado de conservação.

Tipologia	Morada
Habitação	Rua Guilherme Gomes Fernandes, 70
Habitação e comércio	Rua Guilherme Gomes Fernandes, 7
Habitação	Av. Combatentes da Grande Guerra, 5
Habitação	Av. Combatentes da Grande Guerra, 6 - 6A
Habitação - Monte do Carmo	Av. Combatentes da Grande Guerra, 2
Casa com Chaminé cerâmica	Av. Combatentes da Grande Guerra,
Habitação	Rua do Souto, n.º 4





Tipologia	Morada
Habitação	Rua do Neto
Habitação	Rua da Igreja, 17
Habitação	Rua da Igreja, sem número de polícia (entre n.º 17 e 23)
Habitação	Largo N. Sra. do Monte do Carmo, 1 e 1A
Habitação	Largo N. Sra. do Monte Carmo, 4
Habitação	Largo N. Sra. do Monte do Carmo, 2 e 2A
Habitação	Travessa N. Sra. do Monte do Carmo, 1
Habitação	Travessa N. Sra. do Monte do Carmo, 6

Tabela 1 - Edifícios devolutos

A utilização predominante dos edifícios é a residencial. Todavia, muitos edifícios há em que a parte superior é residencial mas a parte térrea destina-se a actividades, sobretudo, comerciais.

Com o intuito de preservar um legado histórico muito antigo e importante, como parte integrante da história e do crescimento sociocultural do Município, importa salvaguardar o património cultural arquitectónico existente no centro histórico de Odivelas conferindo-lhe um estatuto de infra-estrutura vital a defender – *pontos nevrálgicos* –, preservando assim um pouco da identidade de todos os habitantes do concelho.

No centro histórico há a destacar:

- Igreja Matriz de Odivelas
- Memorial de Odivelas





- Mosteiro de Odivelas
- Quinta da Memória Paços do Concelho
- Biblioteca Municipal D. Dinis

1.5 Caracterização do Património Histórico

1.5.1 - Igreja Matriz de Odivelas

DESIGNAÇÃO: Igreja Matriz de Odivelas **LOCAL/ENDEREÇO**: Rua Alberto Monteiro

PATRIMÓNIO CLASSIFICADO: Interesse Público

ZONA DE PROTECÇÃO: Sim

FUNÇÃO DE ORIGEM: Cultural

FUNÇÃO ACTUAL: Cultural

ENQUADRAMENTO: A freguesia de Odivelas é muito antiga, o que pressupõe a existência de um lugar

de culto. Com efeito, uma lápide de calcário, patente no Museu do Carmo em Lisboa e oriunda desta igreja, faz referência ao prelado João Ramires, que morreu a 13 de Fevereiro de 1147.

DESCRIÇÃO GERAL E PORMENORES IMPORTANTES: Igreja do Santíssimo nome de Jesus. Do templo antigo resta uma pia quinhentista integrada na capela baptismal formada a azulejos historiados com cenas de baptismo.

Templo de uma só nave, apresenta um silhar de azulejos do século XVIII, com cenas bíblicas, que segundo José Meco são da autoria de Nicolau de Freitas, vários altares laterais de talha dourada, a capela-mor é revestida de mármores policromos. No interior encontram-se várias pinturas, emolduradas por estuques "rocaille" com os temas "Jesus ensinando no templo", "fuga para o Egipto", "Circuncisão", "Anunciação", "Visitação", Adoração dos Pastores", "Adoração dos magos" entre outras. Uma dupla escadaria seiscentista, ostentando um cruzeiro de 1626, dá acesso à igreja. Orago: Sagrado Coração de Jesus

CONSERVAÇÃO: Bom







ÉPOCA: Século XVII

SINTESE HISTÓRICA E ARQUITECTÓNICA: O edifício que corresponde à actual matriz é predominantemente do século XVIII, fruto de reconstrução e melhoramentos. No entanto, vários indícios apontam para um templo mais antigo, como seja a data de 1573, do renascimento, que se pode observar no lavabo da sacristia, com a forma da popa de um navio.

* Foi neste templo que ocorreu o roubo dos vasos sagrados no Sacrário, em 1671, da autoria de António Ferreira.

ARQUITECTURA: Religiosa

ESTILO ARQUITECTÓNICO: Barroco

PERIGOS EVENTUAIS: Não

POTENCIALIDADES ESPECTÁCULOS: Não

1.5.2 - Memorial de Odivelas

DESIGNAÇÃO: Memorial de Odivelas

LOCAL/ENDEREÇO: Largo da Memória e Rua

Guilherme Gomes Fernandes

PATRIMÓNIO CLASSIFICADO: Interesse Nacional

ZONA DE PROTECÇÃO: Sim

FUNÇÃO DE ORIGEM: Marco Jurisdicional

FUNÇÃO ACTUAL: Marco

ENQUADRAMENTO: Urbano. Situa-se no centro da povoação junto à estrada, destacando-se perpendicularmente dos edifícios e à rua Bairro da Memória

DESCRIÇÃO GERAL E PORMENORES IMPORTANTES: Memorial que não é único no país. Atendendo ao estilo e ao brasão real encimado, é certamente obra do século XIV, pelo que parece provável que tenha sido erguido para comemorar a chegada do corpo do rei D. Dinis ao Mosteiro de Odivelas, onde o esperava o túmulo que ainda hoje ali se encontra. Segundo Mário Guedes Real, também se admite a possibilidade de ser este monumento







um simples padrão de couto que marcava os limites territoriais da área jurisdicional do mosteiro.

O escudo é posterior à construção do memorial. Apesar de possuir a bordadura com 13 castelos como se usava ainda no século XVI, tem os escudetes em pé, que só foram assim ordenados por ordem de D. João II, em 1485 (bordadura com menos castelos). Assim, o escudo é posterior à construção do memorial e talvez tenha sido substituído por outro contemporâneo. Duas colunas são já de materiais recentes. (DGEMN).

CONSERVAÇÃO: Razoável

ÉPOCA: Século XIV

SINTESE HISTÓRICA E ARQUITECTÓNICA: Construção em mármore, possivelmente do século XIV. Monumento de base rectangular, 2 níveis sobrepostos terminados em empena. No 1.º rasga-se pequena colunata, com capitéis de decoração vegetalista, sustentando arcos trilobados. No 2.º grande arco ogival, encimado por escudo real (5 escudetes postos em cruz e bordadura com 13 castelos). Nos ângulos do 1.º e 2.º nível, colunelos com capitéis de folhas espalmadas. Ao alto do memorial, cruz floreada da Ordem de Aviz.

ARQUITECTURA: Civil

ESTILO ARQUITECTÓNICO: Arquitectura civil gótica

PERIGOS EVENTUAIS: Sim

POTENCIALIDADES ESPECTÁCULOS: Não

OBSERVAÇÕES: Em 2000, a Câmara Municipal de Odivelas efectuou um estudo orto fotogramétrico, revelando o mesmo alguns problemas estruturais relacionados com o elevado volume de tráfego que passa junto ao monumento.

1.5.3 - Mosteiro de S. Dinis

DESIGNAÇÃO: Mosteiro de S. Dinis

LOCAL/ENDEREÇO: Largo D. Dinis

PATRIMÓNIO CLASSIFICADO: Interesse Nacional

ZONA DE PROTECÇÃO: Sim

FUNÇÃO DE ORIGEM: Mosteiro da Ordem de Cister







FUNÇÃO ACTUAL: Colégio feminino e de culto

ENQUADRAMENTO: Núcleo histórico de Odivelas

DESCRIÇÃO GERAL E PORMENORES IMPORTANTES: Os arquitectos do mosteiro foram os mestres Antão e Afonso Martins. A 1ª abadessa ali a residir foi D. Elvira Fernandes a que se juntaram as religiosas cistercienses.

D. Dinis beneficiou-as com rendas e padroados e consentiu que a ordem herdasse das religiosas. Ordenou que 7 capelães oficiassem por alma de D. Dinis, que nesse dia se desse bodo aos pobres e coutou a terra com privilégios. Após batalha de Alfarrobeira, asilou a filha do infante D. Pedro, D. Filipa (de 1449 até morrer 1497). A ela esteve entregue a sobrinha Santa Joana, filha de D. Afonso V. Ali morreu em 1415 a rainha D. Filipa de Lencastre, com os infantes (antes de partirem para Ceuta).

Foi célebre Madre Paula, com quem D. João V teve um filho (D. José), um dos 3 infantes bastardos (meninos da Palhavã). D. Afonso VI visitava o mosteiro para ver Ana de Moura. Na Biblioteca Nacional existe uma relação de 20 freiras, condenadas por delitos amorosos, no reino de D. João V., tema que serviu para o romance de Camilo Castelo Branco "A Caveira da Mártir". Os outeiros poéticos e a confeitaria e os ditos pitorescos da abadessa Feliciana de Milão deixaram fama. Almeida Garret, no prólogo da Lyrica de João Mínimo, conta como participou num dos Outeiros de Odivelas (convívios culturais, organizados pelas freiras, pelo S. João ou quando se elegia uma nova abadessa – também conhecidos por abadessos).

Cananea é, possivelmente, o penúltimo auto de inspiração religiosa de Gil Vicente. A existência do auto deve-se à abadessa Violante de Cabral, que o encomendou - 1534 por altura da quaresma. O Padre António Vieira pregou na igreja do Mosteiro, 4 sermões e o rei trovador, terá escrito algumas cantigas de amigos.

CONSERVAÇÃO: Razoável

ÉPOCA: Século XIII

SINTESE HISTÓRICA E ARQUITECTÓNICA: Convento de freiras da Ordem de Cister, foi fundado em 1295 por D. Dinis em pagamento de uma promessa, monarca que já possuía no local umas casas reais, das quais ainda em meados do século XX existiam vestígios. Muito danificado pelo terramoto de 1755, D. João IV fez uma reconstrução geral com obras a cargo do frei João Turiano, italiano e monge de S. Bento.

A segunda reconstrução foi ordenada por D. João V, mais para embelezar. Da primitiva construção resta a cabeceira gótica de abóbadas de nervuras chanfradas. Sofrendo alterações ao longo do tempo, fruto da necessidade de obras de conservação, melhoramento e ampliação do mosteiro, este é actualmente o resultado de várias intervenções, no entanto, destacamos os dois claustros do séc XVI, o magnífico refeitório,





a cozinha e a alpendrada. No exterior da igreja são ainda visíveis os botaréus que reforçam as ábsides e as cimalhas góticas ornadas de gárgulas e mísulas.

No interior, na capela do lado do evangelho fica o túmulo de D. Dinis, com estátua jacente e assente sobre figuras de animais. Na capela do lado da epístola, está o túmulo vazio de D. Maria Afonso, filha natural de D. Dinis.

Actualmente na posse do ministério do exército, é um colégio feminino para filhas dos militares (após a extinção das ordens religiosas em 1899? ou 1934?). Em 1902, o imóvel foi entregue ao Infante D. Afonso que promoveu a fundação do actual Instituto.

ARQUITECTURA: Religiosa

ESTILO ARQUITECTÓNICO: Gótico/Manuelino/Barroco

PERIGOS EVENTUAIS: Não

POTENCIALIDADES ESPECTÁCULOS: Não

OBSERVAÇÕES: Existiu, junto ao convento das religiosas, um mosteiro de frades da Ordem de São Bernardo, capelões do rei D. Dinis, que sofreu grande ruína pelo terramoto de 1755, mas que à data do inquérito das memórias paroquiais já se encontrava em reconstrução (memórias paroquiais, 1758).

Almeida Garrett, em a Lyrica de João Mínimo, dedica-lhe um dos outeiros. O Auto da Cananea é, possivelmente, o penúltimo auto de inspiração religiosa de Gil Vicente e deveu-se à Abadessa Violante Cabral, que o encomendou para ser representado no Mosteiro, em 1534.

1.5.4 - Quinta da Memória



A Quinta da Memória é também conhecida por Casa do Arcebispo.

Esta quinta, cujas referências históricas permitemnos viajar até aos séculos XVII e XVIII está intimamente ligada a um homem, D. Rodrigo de Moura Teles, figura notável da Igreja Católica neste período e que desempenhou vários cargos, dos quais se destacam ter sido membro do Conselho de Estado

dos reis D. Pedro II e D. João V, tal como foi Arcebispo de Braga. A sua presença ainda é





bem visível neste edifício, quer seja no brasão que encima o portão da entrada principal, representativo das armas que o identificavam e que resistiu aos tempos até aos dias de hoje, quer seja pela traça da construção representada nas janelas setecentistas que ainda hoje são uma evidência da Quinta da Memória.

Hoje em dia a Quinta da Memória que deve o seu nome à proximidade física do Memorial de Odivelas recuperou a sua dignidade, após muitos anos de abandono. Aliás os registos históricos pouco revelam sobre quem ocupou esta construção da arquitetura solarenga do proto-barroco português e a propriedade que em tempos se estendia por Odivelas, está hoje reduzida devido à pressão urbanística que caraterizou este território no século XX.

Com a instalação dos Paços do Concelho neste edifício, a Câmara de Odivelas reabilitou um espaço degradado e dotou-o de novas funções, devolvendo a Quinta da Memória a todos os habitantes do Concelho. Hoje em dia é um espaço público – o primeiro de um projeto de reabilitação global do núcleo histórico de Odivelas – e é nele que está instalado o Gabinete da Presidência, tal como a Assembleia Municipal, o Salão Nobre, um auditório, sala de exposições e é aqui que se faz, de igual modo, o atendimento de Relações Públicas.

1.5.5 - Biblioteca Municipal D. Dinis



O edifício do século XIX, onde funciona a Biblioteca Municipal D. Dinis, integrava uma quinta com 43 hectares, conhecida por Quinta de Nossa Senhora do Monte do Carmo.

Situada próxima do Convento de São Dinis - atual Instituto de Odivelas -, foi adquirida, no último quartel do século XIX, por um beirão, José

Rodrigues Mendes.

A neta do proprietário, Luísa Vilarinho, (d)escreve como era *Uma Casa de Férias em Finais do Séc. XIX* (SPB Editores e Livreiros, Lda., 1998), através de uma "viagem" pelo interior da casa: desde a capela em honra de Nossa Senhora do Monte do Carmo, passando pelas salas de estar (a sala rosa, onde a proprietária despachava a correspondência; a sala do





piano; a sala azul, que acolhia as visitas; a sala Bordallo, pela coleção ali existente), até à copa e à cozinha.

Por toda a extensão da quinta surgiam as nascentes, os pomares, o jardim que fazia ligação às capoeiras, o mirante do lago, onde as crianças da quinta brincavam. Os tempos mudaram e os lugares também - hoje o local é ocupado por uma pista de desportos radicais e pela Piscina Municipal.

Após um incêndio em 1992, o edifício é recuperado pela Câmara Municipal de Loures, com o intuito de o transformar num espaço público de cultura e educação. Assim, a 22 de novembro de 1997, é inaugurada a Biblioteca.

A partir de setembro de 1999, passa a fazer parte do património cultural do Município de Odivelas.

Integra desde fevereiro de 2000, a Rede de Leitura Pública.

Tem uma área útil de 1620 m², e conta com vários espaços, cada um com uma funcionalidade específica dirigida a públicos distintos.

2. FACTORES DE RISCO

2.1 Aspectos gerais

O PDM identifica várias áreas históricas no Concelho. No entanto é na cidade de Odivelas que se encontra a maior concentração de património histórico a preservar, sendo que o mesmo se encontra aglomerado numa área geográfica contígua. Essa situação associada à configuração apertada da rede de circulação viária, que *per se* dificulta a passagem de veículos de socorro, à idade avançada e estado de conservação dos edifícios, confere à zona histórica um risco potencialmente elevado, com eventuais danos consideráveis especialmente no que toca ao património arquitectónico.

De acordo com os Cadernos Técnicos Prociv (9):





Risco é definido como a probabilidade de ocorrência de um processo (ou acção) perigoso e respectiva estimativa das suas consequências sobre pessoas, bens e ambiente. Os riscos podem ser agrupados em 3 grupos:

- Riscos Naturais, os que resultam do funcionamento dos sistemas;
- Riscos Tecnológicos, os que resultam de acidentes, frequentemente súbitos e não planeados, decorrentes da actividade humana;
- Riscos Mistos, os que resultam da combinação de acções continuadas da actividade humana com o funcionamento dos sistemas naturais.

Para a área em estudo, vão ser considerados os riscos naturais (condições meteorológicas adversas e sismos) e os riscos tecnológicos (incêndios urbanos, acidentes de viação). A mesma publicação sugere que a análise dos riscos se deverá basear em cenários associados a cada risco identificado (os supracitados), com a aplicação de uma matriz de risco com base na estimativa do grau de gravidade dos danos potenciais e na probabilidade de ocorrência do risco.

Assim:

(...) a probabilidade é definida como potencial/frequência de ocorrências com consequências negativas para a população, ambiente e socioeconomia e gravidade é definida como as consequências de um evento, expressas em termos de escala de intensidade das consequências negativas para a população, bens e ambiente. Associado ao grau de gravidade está o conceito de vulnerabilidade, a qual pode ser definida como o potencial para gerar vítimas, bem como perdas económicas para os cidadãos, empresas ou organizações, em resultado de uma dada ocorrência.





Assim, a **matriz de risco** assenta no grau de gravidade e de probabilidade associados ao risco em análise. Com base nos cenários escolhidos e na caracterização geográfica, económica e das infraestruturas, estimar-se-á o grau de gravidade associado à ocorrência de cada cenário considerado no âmbito da caracterização de risco.

A definição dos critérios quer para os vários graus de gravidade quer para os vários graus de probabilidade, são estabelecidos pela ANPC e encontram-se tabelas em anexo. Após a identificação destes graus, os riscos são posicionados sobre a matriz, identificando-se assim o grau de risco associado: Extremo, Elevado, Moderado ou Baixo.

Probabilidade	Risco	Risco	Risco	Risco	Risco
elevada	baixo	moderado	elevado	extremo	extremo
Probabilidade	Risco	Risco	Risco	Risco	Risco
média-alta	baixo	moderado	elevado	elevado	extremo
Probabilidade	Risco	Risco	Risco	Risco	Risco
média	baixo	moderado	moderado	elevado	extremo
Probabilidade	Risco	Risco	Risco	Risco	Risco
média-baixa	baixo	baixo	moderado	elevado	extremo
Probabilidade	Risco	Risco	Risco	Risco	Risco
baixa	baixo	baixo	moderado	moderado	elevado
	Gravidade	Gravidade	Gravidade	Gravidade	Gravidade
	residual	reduzida	moderada	acentuada	Crítica

Figura 3 – matriz de risco
(Retirado do Caderno Técnico Prociv 9)

2.2 Zonas de risco

O Plano Municipal de Emergência de Odivelas identificou diversos tipos de riscos para o território municipal, tendo para o efeito elaborado as matrizes de risco.





Importa agora particularizar alguns dos riscos mencionados no documento supra mas, desta feita, cingidos à área do núcleo histórico que é o que agora importa analisar.

Assim, identificaram-se para o Centro Histórico de Odivelas os seguintes riscos naturais e antrópicos:

	Categoria	Designação
	Condições meteorológicas	Precipitação intensa
Riscos Naturais	adversas	Ventos fortes
	Geológicas	Sismos
Riscos	Transportes	Acidentes graves de tráfego
Tecnológicos	Áreas Urbanas	Incêndios em edifícios
rechologicos		Colapso de edifícios (devolutos)

Tabela 2 - Riscos naturais e tecnológicos

Identificados os riscos, apresenta-se agora a respectiva matriz de risco, baseada no estabelecido no Caderno Técnico PROCIV #9.

	Precipitação e	Sismos	Acidente	Incêndio
	vento fortes	31311103	rodoviário	urbano
Probabilidade	Média-alta	Média-alta	Média-Baixa	Média-Baixa
Gravidade	Reduzida	Acentuada	Residual	Acentuada
Risco	Moderado	Elevado	Baixo	Elevado

Tabela 3 - Matriz de Risco





Importa ainda acrescentar um factor agravante do risco de incêndio urbano: a inexistência de marcos de incêndio e a pouca pressão de água das parcas bocas-de-incêndio. Esta questão, que decerto poderá dificultar a intervenção do corpo de Bombeiros aquando da ocorrência de um incêndio urbano, é de difícil resolução pois, em tempos verificou-se que o aumento da pressão pode causar rebentamentos da canalização, por esta ser antiga.

De facto após deslocação ao terreno acompanhado pelos Bombeiros Voluntários de Odivelas, o Serviço Municipal de Proteção Civil constatou que a rede de hidrantes existente na zona histórica da cidade de Odivelas possui a seguinte pressão:

- Boca-de-Incêndio localizada no nº 18 do Largo D. Dinis 2.5 Bar
- Boca-de-Incêndio localizada no nº 6 do Largo D. Dinis 2.5 Bar
- Boca-de-Incêndio localizada no nº 1 do Largo D. Dinis Inoperacional
- Marco de Água situado nos Paços do Concelho, Rua Guilherme Gomes Fernandes –
 2.5 Bar

2.3 Pontos Perigosos

Podendo decorrer de diversos factores condicionantes ou desencadeantes, são considerados como pontos perigosos, os locais em que um acidente apresente maiores riscos, quer numa perspectiva de probabilidade de ocorrência, quer de gravidade das consequências. Todavia, no Centro Histórico de Odivelas não se identificaram quaisquer pontos perigosos. Apenas foi identificada uma oficina – sita na Av. Combatentes da Grande Guerra, 7A – mas que não evidencia qualquer perigosidade (como sendo o armazenamento de produtos infamáveis/tóxicos). Embora não sendo pontos perigosos, os edifícios devolutos ou em mau estado de conservação já identificados anteriormente são alvo de especial atenção, pelos motivos já enunciados.





2.4 Pontos nevrálgicos

Os pontos nevrálgicos são os locais que importam prioritariamente preservar, quer seja por razões económicas, culturais ou sociais. Dentro do Centro Histórico existem edifícios com maior interesse histórico e patrimonial que serão necessários salvaguardar.

A par destes locais outros há que, pela grande ocupação humana que apresentam nomeadamente, escolas, centro de exposições, etc., são locais estratégicos para a gestão de situações de emergência no Centro Histórico.

Os pontos nevrálgicos identificados no Centro Histórico de Odivelas são os seguintes:

Local	Tipologia
Quinta da Memória	Património
EB1 António Maria Bravo	Estabelecimento de Ensino
Centro de Exposições	Espaço público
Jardim da Música	Espaço público
Mosteiro de S. Dinis	Património
Igreja Matriz	Património
Memorial de Odivelas	Património
Biblioteca Municipal D. Dinis	Património + Espaço Público
Instituto de Odivelas	Estabelecimento de Ensino + Património
Casa de Acolhimento Rainha Santa Isabel	Lar/acolhimento

Tabela 4 - Pontos Nevrálgicos





3. PLANO PRÉVIO DE INTERVENÇÃO

3.1 Objecto e Conceito de Actuação

Os Planos Prévios de Intervenção (PPI) são um instrumento de planeamento que possibilitam o desencadeamento sistematizado da resposta em situações de protecção e socorro. Ao requererem um conhecimento prévio da realidade, estabelecendo para o efeito os cenários possíveis e, estando também na posse de informação dos meios disponíveis, possibilitam fazer uma gestão adequada e integrada de recursos, alcançado em última instância uma mais pronta e sistemática resposta às situações de socorro.

A estrutura de organização de um PPI não implica sistemas de direcção e comando, de administração, logística e de gestão de informação ou comunicações (este tipo de sistemas decorrem da aplicação da Directiva Operacional Nacional n.º 01/2009, da ANPC – Dispositivo Integrado de Operações de Protecção e Socorro). Assim, os PPI's são de aplicação prática e imediata.

Objeto

Os PPI visam:

- Estabelecer os princípios funcionais e orientadores, definindo missões, tarefas, responsabilidades, regras de actuação, articulação e hierarquização (obedecendo às DON) de todos aqueles que intervêm nas acções (agentes de protecção civil e demais entidades):
- Obter a optimização da resposta e a integração dos diversos meios que possam vir a ser necessário intervir em cada cenário estabelecido, bem como orientar a





atuação e resposta operacional, agente a agente, tendo sempre como base as indicações dos Planos de Emergência.

Conceito de atuação

Os PPI:

- Destinam-se prioritariamente a operacionalizar os planos de emergência de carácter geral;
- Incorporam aspectos específicos de certos riscos e vulnerabilidades das populações;
- Compreendem de forma esquemática a organização da intervenção, por parte de cada Agente, para cada situação/risco específico, através da construção de uma Matriz de Intervenção Operacional Integrada (MIOPI) e de Quadros de Dados de Apoio (QUADA).

4. CENÁRIOS DE ACIDENTES - PLANO DE AÇÃO

Por **cenário** entende-se uma representação simplificada da realidade e que tem como função ajudar a compreender os problemas e a gravidade dos mesmos. Destinam-se assim a descrever a hipotética progressão das circunstâncias e dos eventos, visando ilustrar as consequências dos seus impactos. Este instrumento visará também ajudar na conceção das decisões e das operações de emergência.

A construção de cenários deve ter em conta:

os riscos previamente diagnosticados;





- os potenciais impactos de um acontecimento não desejável, decorrente de riscos naturais, tecnológicos ou mistos;
- a adequada representação em carta ou esquema, de modo a permitirem uma visão global e a identificação e consequente gestão eficiente das áreas prioritárias de intervenção.

Para o Centro histórico de Odivelas foram estabelecidos 4 cenários relativos à ocorrência de incêndios urbanos, acidentes rodoviários, precipitação e ventos fortes e sismos.

4.1 Incêndio urbano

Para este risco, foi estabelecido o seguinte cenário:

Local	Mosteiro de São Dinis	
Hora	23h00	
Abrangência	Largo D. Dinis, Instituto de Odivelas	
	Mosteiro de São Dinis	
Pontos novrálgicos právimos	Instituto de Odivelas	
Pontos nevrálgicos próximos	Casa de Acolhimento Rainha Santa Isabel	
	Habitações particulares	
	AV. Guilherme Gomes Fernandes	
	Rua do Souto	
Corte de vias	Rua da Igreja	
	Rua Neto	
	Rua Alberto Monteiro	





Centro de triagem	Largo N. Sra. do Monte Carmo (junto à Biblioteca D. Dinis)
Parque de ambulâncias	Largo D. Dinis
Ponto de encontro	Memorial de Odivelas - Casa da Juventude
Corredores de emergência	Largo D. Dinis - Rua Neto - Rua Espírito Santo - Rua. Dr.
	Manuel Simões Gomes Coelho - Rua Tomás José Olaio -
	Rua Comandante Augusto Alexandre Jorge - Senhor
	Roubado - A8 - Hospital Beatriz Ângelo

Tabela 5 - Risco de incêndio urbano



Figura 4 - cenário de incêndio urbano





4.2 Acidente Rodoviário

Para este risco, foi estabelecido o seguinte cenário:

Local	Av. Guilherme Gomes Fernandes – Paragem junto à Quinta da Memória
Situação	Perda de travões de um autocarro de passageiros, com colisão na fachada da Quinta da Memória; Feridos ligeiros e feridos graves.
Hora	11h00
Abrangência	Quinta da Memória
Pontos nevrálgicos próximos	Quinta da Memória
Corte de vias	Av. Guilherme Gomes Fernandes
Centro de triagem	Jardim da Música
Parque de ambulâncias	Parque de estacionamento da Quinta da Memória
Ponto de encontro	Jardim da Música
Corredores de emergência	Av. Guilherme Gomes Fernandes – Senhor Roubado – A8 – Hospital Beatriz Ângelo/ Hospital Santa Maria (Politraumatizados)

Tabela 6 - Risco de acidente rodoviário







Figura 5 - cenário de acidente rodoviário

4.3 Condições meteorológicas adversas - precipitação e vento forte

Para este risco, foi estabelecido o seguinte cenário:

Local	Av. Combatentes da Grande Guerra, 2 - "Monte Carmo"
Condições meteorológicas	Vento com rajadas de cerca de 90km/h
Hora	20h
Abrangência	Av. Combatentes da Grande Guerra





Pontos nevrálgicos próximos	Biblioteca Municipal D. Dinis	
Corte de vias	Av. Combatentes da Grande Guerra Av. Guilherme Gomes Fernandes	
Centro de triagem	Largo N. Sra. do Monte do Carmo	
Parque de ambulâncias	Largo N. Sra. do Monte do Carmo	
Ponto de encontro	Largo N. Sra. do Monte do Carmo	
Corredores de emergência	Av. Combatentes da Grande Guerra - Av. Combatentes do Ultramar - Rua Torcato Jorge - IC22 - Hospital Beatriz Ângelo	

Tabela 7 - Risco de Condições meteorológicas adversas - precipitação e vento forte



Figura 6 - cenário de condições meteorológicas adversas - precipitação e vento forte





4.4 Sismo

Para este risco, foi utilizado o cenário próximo, de magnitude moderada a elevada, estabelecido no PEERS AML:

Epicentro	Banco de Gorringe
Magnitude	9,0 na escala de Richter
	Quinta da Memória
	EB1 António Maria Bravo
	Centro de Exposições
	Jardim da Música
Pontos nevrálgicos	Mosteiro de S. Dinis
Tontos nevialgicos	Igreja Matriz
	Memorial de Odivelas
	Biblioteca Municipal D. Dinis
	Instituto de Odivelas
	Casa de Acolhimento Rainha Santa Isabel
Corte de vias	Av. Guilherme Gomes Fernandes
Centro de triagem	Jardim da Música
Parque de ambulâncias	Jardim da Música
Ponto de encontro	Jardim da Música
	Norte: Av. Combatentes da Grande Guerra - Av.
Corredores de emergência	Combatentes do Ultramar - Rua Torcato Jorge - IC22
Corredores de emergencia	<u>Sul</u> : Av. Guilherme Gomes Fernandes - Senhor Roubado -
	A8 – Hospital Beatriz Ângelo / HSM (Politraumatizados)

Tabela 8 - Risco sísmico







Figura 7 - cenário de risco sísmico sul







Figura 8 - cenário de risco sísmico norte

Atendendo à possível severidade dos danos, crê-se que o auxílio a Odivelas teria de ser exercido por outro município limítrofe, especialmente os que se encontram mais a Norte que, de acordo com o PEERS AML seria o Município da Nazaré. Nesta situação, mais que ser activado o PPI e/ou o Plano Municipal de Emergência de Odivelas, seriam activados planos e meios de nível supra-municipal.





5. SISTEMA DE ALERTA

Para as acções de emergência em protecção civil, estão definidos os seguintes níveis de alerta (fonte: http://www.prociv.pt):

Alerta	Descrição
	Existência de condições para a ocorrência de fenómenos com dimensão e
	magnitude normais. O Dispositivo de Protecção Civil e Socorro reforça a
Azul	monitorização, intensificando as acções preparatórias para as tarefas de
	redução dos efeitos negativos dos eventos previstos. As pessoas devem
	manter-se informadas sobre o evoluir da situação.
	Previsibilidade de ocorrência de fenómenos que não sendo invulgares,
	podem representar um dano potencial para pessoas e bens. O dispositivo
	de Protecção Civil e Socorro reforça as actividades de monitorização e
Amarelo	vigilância da situação e intensifica as acções preparatórias para as tarefas
Amareio	de intervenção. As pessoas devem manter-se informadas acerca das
	situações previstas, adoptando as medidas de prevenção e adequação
	das suas actividades e comportamentos de modo a não correr perigos
	desnecessários.
	Situação de perigo, com condições para a ocorrência de fenómenos
	invulgares que podem causar danos a pessoas e bens, colocando em
Laranja	causa a sua segurança. O dispositivo de Protecção Civil e Socorro reforça
Laranja	as medidas que garantam um estado de prontidão elevado para a
	intervenção. As pessoas devem manter-se vigilantes e informar-se
	permanentemente sobre a situação, inteirando-se dos possíveis perigos.





Devem adoptar as medidas de prevenção, precaução e auto-protecção indispensáveis, e adequar os seus comportamentos de modo a não se colocarem em risco. Devem-se seguir as informações e recomendações das Autoridades.

Situação de perigo, com condições para a ocorrência de fenómenos invulgares que podem causar danos a pessoas e bens, colocando em causa a sua segurança. O dispositivo de Protecção Civil e Socorro reforça as medidas que garantam um estado de prontidão elevado para a intervenção. As pessoas devem manter-se vigilantes e informar-se permanentemente sobre a situação, inteirando-se dos possíveis perigos. Devem adoptar as medidas de prevenção, precaução e auto-protecção indispensáveis, e adequar os seus comportamentos de modo a não se colocarem em risco. Devem-se seguir as informações e recomendações das Autoridades.

Tabela 9 - Níveis de alerta

Em termos de **ativação** do plano e, para cada nível de alerta estabelecido, corresponderão, evidentemente, diferentes graus de **prontidão** que deverão ser estabelecidos pelas diferentes entidades e organismos, de acordo com as missões e tarefas que lhe estão acometidas.





6. ORGANIZAÇÃO DA INTERVENÇÃO

6.1 MIOPI - Matriz de intervenção operacional integrada

As matrizes de intervenção operacional integrada (MIOPI) têm como fundamento a caracterização de cenários e a organização da resposta, através de acções directas e imediatas para fenómenos de risco que exijam mecanismos imediatos de reacção/resposta.

Subdividem-se em duas grelhas: de caracterização de cenários e de alarmes.

6.1.1 - Grelha de caracterização de cenários

Caracterizam geográfica e fisicamente os cenários previamente estabelecidos. O seu objectivo será adequar e tornar expeditas as técnicas e procedimentos de intervenção e socorro.

Cenário 1 - Incêndio urbano

	Designação	Acesso principal	Acesso secundário	
Localização	Mastaire de C Dinis	Av. Guilherme	Av. Combatentes	
Localização	Mosteiro de S. Dinis	Gomes Fernandes	da Grande Guerra	
Count manufica	38°47'28.37"N	38°47'25.59"N	38°47'34.44"N	
Coord. geográficas	9°10'56.93"W	9°10'46.98"W	9°10'59.16"W	
Altitude (m)	Altitude (m) 50 m		50 m	
Outros vofovêncios	Perto do Memorial de	Ovinto do Momório	Dibliotogo D. Divis	
Outras referências	Odivelas	Quinta da Memória	Biblioteca D. Dinis	

Tabela 10 - Cenário de incêndio urbano





Cenário 2 - Acidente Rodoviário

	Designação Acesso principal		Acesso secundário	
Localização	Av. Guilherme Gomes	Av. Guilherme	Rua do Souto	
Localização	Fernandes	Gomes Fernandes		
Coord. geográficas	38°47'25.59"N	38°47'25.59"N	38°47'24.39"N	
	9°10'46.98"W 9°10'46.98"W		9°10'52.36"W	
Altitude (m)	ude (m) 45 m 45 m		45 m	
Outras referências	Em frente à Quinta da		Passando pela casa	
	Memória		da Juventude	

Tabela 11 - Cenário de acidente rodoviário

Cenário 3 - Condições meteorológicas adversas - precipitação e vento forte

	Designação	Acesso principal	Acesso secundário	
Localização	Av. Combatentes da Grande Guerra - "Monte Carmo"	Av. Combatentes da Grande Guerra -	Av. Guilherme Gomes Fernandes	
Coord. geográficas	Coord. geográficas 38°47'34.44"N 9°10'59.16"W		38°47'25.59"N 9°10'46.98"W	
Altitude (m)	45 m	45 m	45 m	
Outras referências	Largo junto à Biblioteca D. Dinis			

Tabela 12 - Cenário de condições meteorológicas adversas





Cenário 4 - Sismo

Anexo 1	Designação	Acesso principal	Acesso secundário	
Localização	Mosteiro de S. Dinis	Av. Guilherme	Av. Combatentes	
Localização	Mostello de 3. Dillis	Gomes Fernandes	da Grande Guerra	
Coord. geográficas	38°47'28.37"N	38°47'25.59"N	38°47'34.44"N	
	9°10'56.93"W	9°10'46.98"W	9°10'59.16"W	
Altitude (m)	50 m	45 m	45 m	
Outras referências	Perto do Memorial de	Quinta da Memória	Biblioteca D. Dinis	
Outras referências	Odivelas	Quinta da Memoria	Biblioteca D. Dillis	

Tabela 13 - Cenário de sismo

6.1.2 - Grelha de alarmes

Planeiam, por cenário, a intervenção e actuação integrada dos diferentes agentes e meios operacionais, sem causar, ou minorando, eventuais impactes operacionais na situação real. Assim, para cada cenário deve existir uma grelha de alarme (ou de despacho de meios) onde figurem os meios humanos e materiais, bem como as respectivas entidades envolvidas ou a envolver.

Segundo o estabelecido no Caderno Técnico PROCIV # 11, uma grelha de alarmes deve conter um mínimo de 5 alarmes e os alarmes especiais necessários, sendo que um alarme especial é um alarme excepcional que permite a movimentação de um meio que não está previsto na grelha inicial.





Estas grelhas foram elaboradas com a colaboração dos Bombeiros Voluntários de Odivelas.

	Meios				
Sigla	Designação				
ABSC	Ambulância de Socorro				
BREC	Busca e Resgate em Estruturas Colapsadas				
МОТВ	Motobomba Grande Débito				
VCOT	Veículo de comando Tático				
VE30	Veiculo Escada de 30 metros				
VECI	Veículo Especial de Combate a Incêndios				
VFCI	Veículo Florestal de Combate a Incêndios				
VIPT	Veículo Transporte de Pessoal Tático				
VSAE	Veículo de Socorro e Assistência Especial				
VSAT	Veículo de Socorro e Assistência Tático				
VTGC	Veículo Tanque Grande Capacidade				
VTTU	Veículo Tanque Tático Urbano				
VUCI	Veículo Urbano de Combate a Incêndios				

Tabela 14 - designação dos meios de socorro

Cenário 1 - Incêndio urbano

1° Alarme		2° Alarme		3° Alarme	
Meios	Entidades	Meios	Entidades	Meios	Entidades

Tabela 15 - Grelha de alarmes para incêndio urbano





Cenário 2 - Acidente Rodoviário

1° Alarme		2° Alarme		3° Alarme	
Meios	Entidades	Meios	Entidades	Meios	Entidades
	•				

Tabela 16 - Grelha de alarmes para acidente rodoviário

Cenário 3 - Condições meteorológicas adversas - precipitação e vento forte

1° Alarme		2° Alarme		3° Alarme	
Meios	Entidades	Meios	Entidades	Meios	Entidades

Tabela 17 - Grelha de alarmes para condições meteorológicas adversas





Cenário 4 - Sismo

1° Alarme		2° Alarme		3° Alarme	
Meios	Entidades	Meios	Entidades	Meios	Entidades
	L				

Tabela 18 - Grelha de alarmes para sismo

6.2 QUADA - Quadro de dados de Apoio (mediante os cenários previamente estabelecidos)

Cenário 1 - Incêndio urbano

Saídas de emergência	Local de encontro	Outros dados
Rua Comandante Augusto Alexandre Jorge – Senhor	Memorial de Odivelas	
Roubado - A8	- Casa da Juventude	





Hospital de evacuação	Local	Corredor de emergência	Outros dados
		Largo D. Dinis - Rua	
		Neto - Rua espírito	
		Santo - Rua. Dr, Manuel	
		Simões Gomes Coelho -	
Hospital Beatriz Ângelo	Loures	Rua Tomás José Olaio –	
		Rua Comandante	
		Augusto Alexandre Jorge	
		- Senhor Roubado - A8 -	
		Hospital Beatriz Ângelo	

Cenário 2 - Acidente Rodoviário

Saídas de emergência	Local de encontro	Outros dados
Av. Guilherme Gomes	Jardim da Música	
Fernandes	Jaranni da Musica	

Hospital de evacuação	Local	Corredor de emergência	Outros dados
		Av. Guilherme Gomes	
Hospital Beatriz Ângelo	Loures	Fernandes - Senhor	
(HSM – (Politraumatizados))		Roubado - A8 - Hospital	
		Beatriz Ângelo	





Cenário 3 - Condições meteorológicas adversas - precipitação e vento forte

Saídas de emergência	Local de encontro	Outros dados
Av. Guilherme Gomes	Largo N. Sra. do	
Fernandes	Monte do Carmo	

Hospital de evacuação	Local	Corredor de emergência	Outros dados
Hospital Beatriz Ângelo	Loures	Av. Guilherme Gomes	
		Fernandes – Senhor	
		Roubado - A8 - Hospital	
		Beatriz Ângelo	

Cenário 4 - Sismo

Saídas de emergência	Local de encontro	Outros dados
Av. Guilherme Gomes	Jardim da Música	
Fernandes	Jaruiiii da Musica	

Hospital de evacuação	Local	Corredor de emergência	Outros dados
		Av. Guilherme Gomes	
Hospital Beatriz Ângelo	Loures	Fernandes - Senhor	
(HSM – (Politraumatizados))		Roubado - A8 - Hospital	
		Beatriz Ângelo	